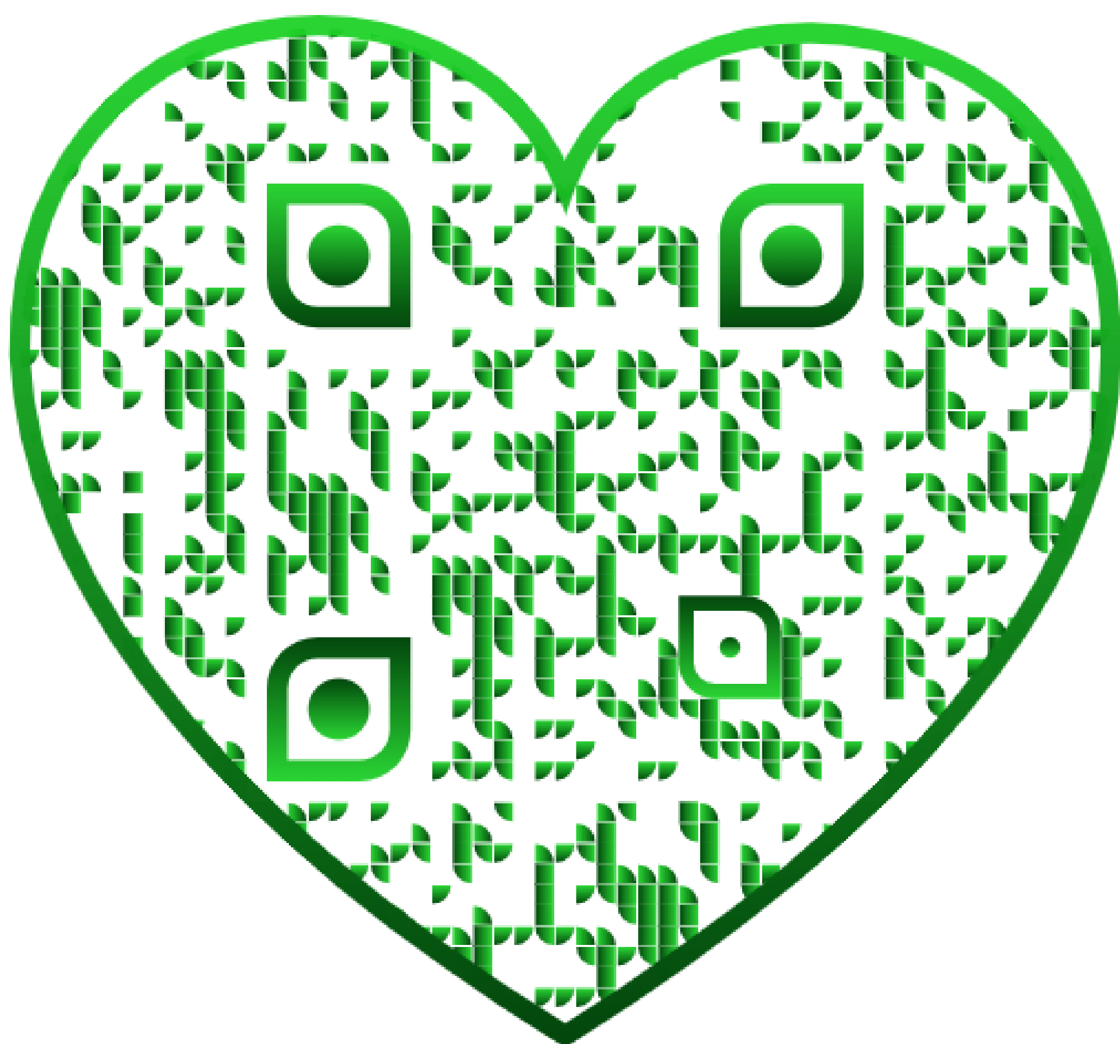
SOL DE OUTONO



myfreecopyright
REGISTERED & PROTECTED



 Copyright 2010 – Norma Jean – todos os direitos reservados

Sol de Outono

Norma Jean (Jossi Borges)

Ariadne estava entrando numa nova fase de sua vida. Era uma profissional de sucesso. Tinha uma filha linda. Uma vida relativamente feliz. Uma pequena nuvem, porém, veio a toldar o brilhante sol de verão que iluminava sua vida atual: As lembranças de um passado, um amor do passado, que ficara perdido... Um homem que a rejeitara e que ela não conseguira ainda, perdoar... E quando ela menos espera, Plínio aparece um dia, numa praia onde ela costumava passear. Raiva, ressentimento, mágoa... No que resultaria esse reencontro?

***

Teu vulto leve, ao fundo do passado,
Volve-me, às vezes, um olhar magoado,
Que lembra o luar, entre névoas finas.
Ainda tenho no espelho das retinas
O parque familiar, e os velhos bancos
Entre tanques azuis e jasmins brancos
Onde a vida juntou, em dias vãos
Às tuas lindas as minhas mãos.

“Teu vulto leve, ao fundo do passado” (Ronaldo de Carvalho*)*

UM

A praia estava calma, àquela hora do dia. O sol era forte, um dia de verão pleno, com as reverberações maciças do brilho sobre as janelas das casas, dos prédios, nas águas do mar, nos carros e até nas árvores.

Ariadne estava tranqüila, caminhando pela praia de mãos dadas com a filha Thalia, que tagarelava como nunca. Ela respondia um pouco avoada ás perguntas da filha, sentindo-se transportar para um outro mundo. Ali naquele lugar, tão distante da capital onde ela vivia e trabalhava, em geral sob o forte impacto do stress, ela sentia a alma leve e calma, embora um pouco excitada. Sabia que suas férias não iam durar muito tempo... Teria o quê...? Uma, duas semanas ainda de folga... Era o tempo suficiente para que ela relaxasse, dizia sua sócia, Diana. Seria mesmo? Ah, ela gostaria de ficar ali para sempre... Passear, sentir o sol de verão na pele clara, o vento do mar agitando seus cabelos, o cheiro peculiar das praias, das flores... esquecer os pequenos e inevitáveis problemas do cotidiano... Era como fazer uma viagem no tempo...

_ Mamãe, eu gosto muito dessa praia. Podemos visitar outras praias, amanhã? – Perguntou Thalia, com seus olhos castanhos muito abertos.

_ Talvez, meu anjo. Talvez.

_ As outras praias são bonitas como essa?

Thalia estava curiosa, pois ouvira falar de outras praias, no litoral do Paraná, Rio de Janeiro, Santa Catarina – que ela ainda não conhecera. E estava doida para conhecer.

Ariadne fitou os grandes olhos da filha de oito anos e meneou a cabeça.

_ São, Thalia, são tão lindas... ou até mais do que essa.

A praia em que estavam era um recanto agradável do litoral do Paraná, localizada na Praia de Leste. Era muito movimentada, mas para sorte delas, tinham vindo um pouquinho antes da grande temporada, e a agitação da cidade era bem menor.

_ Mamãe, lá está Dona Cecília! Posso ir até ela, posso? Ela trouxe Noeli e Susi!

A vizinha de Ariadne era uma moça cheinha de corpo, bonita e simpática, que vinha várias vezes por ano descansar na casa de praia, e sempre vinha com as filhas, Noeli e Susi. Elas foram um achado para Thalia, uma vez que os demais vizinhos não tinham crianças, e outros ainda não tinham vindo, mantendo as casas fechadas.

_ Pode ir, mas lembre do que lhe falei: Fique longe do mar!

Thalia riu e meneou a cabeça rapidamente. Correu para o guarda-sol alaranjado com flores brancas, sob o qual a vizinha estava sentada, e as meninas se refestelavam sobre uma esteira.

Ariadne continuou passeando, enquanto sorria. Estava tão satisfeita consigo mesma, com sua vida... É claro que o falecimento do marido, Leon – pai de Thalia – tinha sido um golpe terrível para ambas... o sofrimento inominável. Passado mais de um ano, ela ainda sofria...

Não fora um casamento romântico, não houvera muito sentimentalismo envolvido. Ela apenas considerara Leon, dez anos mais velho que ela, um homem bom, honesto e percebera que sua afeição por ela era genuína. Não se deixara levar pelos sentimentos, não à época, em que chegava à casa dos trinta anos e já tinha sofrido alguns reveses anos antes por conta desses sentimentalismos. Não estivera apaixonada por Leon, nunca esteve. Mas aceitara-o em sua vida. Aceitara-o como pai de sua filha, pois o amara de outra forma, como ser humano, como alguém que a respeitava, mimava, desejava. Anos atrás talvez ela não o quisesse, por estar envolvida demais com... aquele outro.

Ao lembrar do *outro*, o que fora seu primeiro namorado, uma contração no estômago a fez retesar-se. Teria sido, mesmo, o primeiro namorado? Ou apenas a primeira “ilusão amorosa”? Plínio. Ah, Plínio...

Eles tinham se conhecido na infância. Plínio tinha sido seu vizinho durante anos, e frequentara a escola com ela. Quando adolescente, aos quatorze ou quinze anos, ela se dera conta... estava apaixonada pelo rapagão alto, forte, de cabelos castanho-dourados e olhos verdes que agora tornava-se homem...

Sua mãe, irmãos, todos foram contra quando souberam que ela estava fascinada por Plínio. “É um traste, esse rapaz”, dizia a mãe. “Não gosta de estudar”, dizia o pai. “O trabalho dele é ajudar o pai naquele boteco”, diziam os irmãos.

Plínio de fato, não gostava muito de estudar, tanto é que tinha abandonado a escola aos dezesseis anos. Trabalho? Apenas atendendo ao

balcão de um bar, que o pai tinha num dos bairros pobres de Ponta Grossa.

Ela meneou a cabeça, pensando naquilo tudo... mas o que ela, uma adolescente cheia de sonhos, poderia entender disso tudo? Só entendia do que lhe ia no coração ingênuo.

Eles não se viram durante seis anos, depois que ela e seus pais mudaram de cidade. Foram morar na capital.

As coisas mudaram muito. Ela entrou para a faculdade, terminou o curso de Administração, arrumou emprego. E foi quando reencontrou Plínio.

Ele também tinha mudado bastante: Se fosse tal coisa possível, estava ainda mais bonito que antes: Mais alto, esbelto, ombros largos, os cabelos num corte mais comportado, porém com o mesmo jeito de “bad boy” de antes. O mesmo rosto viril, a mesma boca desdenhosa e de sorriso difícil... sempre tivera aquele ar sombrio e sério, parecia tão compenetrado quando estava junto dela...sempre sério, para não dizer carrancudo.

Ela não entendia por que ele sempre a tratara de forma tão seca, distante, brusca. Mas sempre fora assim, e mesmo agora, ambos adultos, ele continuava assim. Sério, seco, distante. Conversaram muito, ela contou no que trabalhava, ele confessou que tinha deixado os estudos a meio e pulara essa etapa da vida, entrando direto no mundo dos negócios. Seu pai deixara de lado o “boteco” e agora era dono de uma pequena “casa noturna” na capital, onde apresentavam-se jovens artistas e músicos novatos, e onde as pessoas reuniam-se para bebericar, conversar ou paquerar.

Ela franziu o cenho. Não gostara da nova ocupação dele, mas ficou ainda mais surpresa quando ele retrucou:

_ Vou ficar aqui por pouco tempo. Estou noivo, vou me casar no fim do ano. Depois disso, pretendo vender o barzinho e comprar um comércio no litoral. É mais chance. Curitiba é uma cidade grande, bonita, mas o turismo é fraco. No litoral é mais negócio.

Ela ficou embasbacada. Ele ia casar-se. Ele ia embora. Talvez para sempre! Ela reprimiu um quase-soluço e tentou disfarçar seu desapontamento e tristeza, trocando de assunto. Sempre sentira alguma coisa no coração, algo que lhe dizia que Plinio sentia algo por ela, algo que... ela não entendia exatamente o quê, mas poderia ser... sim, poderia ser algo bom... mas naquele dia... naquela tarde triste de outono...

Ela sentiu um arrepio pelo corpo, ao lembrar daquela tarde... Lembrou-se de um sol frágil, pálido, descendo lentamente no horizonte. Estavam num parque da cidade, e dali avistavam-se áreas verdes das cercanias, linhas onduladas de um verde-oliva escuro, atrás das quais o sol se punha em tons de um dourado pálido. O sol se punha, um vento levemente frio soprava em seus rostos, uma dor surda mordia seu coração. Ele ia partir, desta vez para sempre. Da cidade, de sua vida, de tudo...

Lembrou-se de como ele, ao apertar sua mão na despedida, sorriu – e parecia que era o primeiro sorriso que ela via naquele rosto sério. Plínio,

o “rapaz de sangue ruim”, como costumava seu pai dizer, o que nunca sorria, o que deixava os estudos de lado, o que não gostava dela... o que nunca olhou para ela como uma *mulher*, como uma mulher bonita. Apenas, talvez, como uma amiga de infância. E só.

Ela continuou caminhando pela praia, e ao olhar para o céu azul e o forte sol de verão, ainda assim sentiu um certo frio por dentro.

II

Ariadne teve uma semana muito calma e agradável na maior parte do tempo. Levava a filha à praia todas as manhãs, e às tardes deixava-a na casa da vizinha, brincando com Susi e Noeli. Davam-se maravilhosamente bem, as três.

Depois do almoço, ou saía com uma amiga – que alugara uma casa próxima – ou passeava sozinha pela praia. Quando saía com a amiga, costumava passear pelas lojas, e fuçar nas diversas quinquilharias e roupas veranescas que enchiam os olhos dos turistas. Em geral, não gostava de gastar à toa, mas a amiga era uma consumidora inveterada e não poupava tempo nem dinheiro quando se tratava de comprar. Comprava de tudo, de biquínis e saídas de banho, a chapéus que nunca usaria, loções milagrosas de confrey e “leite de pepino” contra queimaduras solares. Ariadne sorria, e vez ou outra comprava alguma bijuteria bonita, mas só...

Gostava mesmo era de andar sozinha à tarde, à beira-mar.

Numa daquelas tardes mornas, em que saíra sozinha, sentia no coração, novamente, a dor da saudade do marido, Leon. Pensava profundamente nele, em seu rosto querido, sorridente, no carinho que ele tinha pela filha, nos momentos felizes que tinham passado juntos... foram sete anos ininterruptos de uma felicidade serena, sem sobressaltos, sem brigas, sem desentendimentos...não havia paixão no que sentira por Leon, mas sim muito e muito carinho.

Ela estava tão concentrada em suas memórias, que mal percebeu quando alguém parou à sua frente, bloqueando-lhe a passagem. Ela ergueu os olhos para o homem alto, forte, de rosto anguloso, óculos escuros, braços cruzados sobre o peito, numa atitude agressiva.

Ia desviar dele, quando ele a cercou de novo, e tirando os óculos, mostrou-lhe um rosto queimado de sol onde os olhos verdes brilhavam, familiares.

_ Plínio!

_ Ariadne! Pensou que ia me ignorar, é? – Ele sorriu. Desta vez, seu sorriso era cheio de brilho, intenso como o sol de verão.

_ Meu Deus, eu nunca o reconheceria... se você não tirasse os óculos e parasse na minha frente!

Plínio sorriu de novo e estendeu a mão, para apertar sua. Trocaram cumprimentos, e ele a convidou para tomarem um refrigerante.

Ela não conseguiu entender como aquilo pudera acontecer. Durante tanto tempo, até casar-se com Leon, pensara em Plínio, e em sua desilusão com ele. Julgara jamais tornar a vê-lo, e agora ali estavam, conversando tranquilamente sobre suas vidas, como se todo o passado tivesse sido um quase nada...Talvez para ele tivesse mesmo, pensou ela, um quase nada. Ela nada significara para ele, essa era a verdade.

_ Eu soube do falecimento de seu marido – ele disse, com ar sério, quase triste.

_ Soube? – Ela franziu a testa – Mas como...?? Você sempre esteve tão longe, eu... eu pensei que você nem tivesse mais nenhuma notícia minha, como eu nunca mais tive notícias suas...

_ Nunca mais teve? Por que, Ariadne?

_ Ora, sei lá. Acho que... o tempo... as circunstâncias...

_ O seu casamento. – Ele disse, peremptório.

_ O *seu* casamento – ela retorquiu também, com firmeza. – Você ia casar-se, pelo que sei... lembra? Ou ...

_ Eu me casei... – ele disse, tomando um gole de cerveja. – E suspirou.

_ Entendo. E sua família, como vai? Sua esposa, seus filhos, quero dizer.

_ Eu ... estou sozinho. Estou separado. Minha ex-mulher casou-se de novo. Não tivemos filhos.

_ Ah... sei... E você... casou-se de novo, também...?

_ Depois da separação, que foi há três anos, nunca mais. – Ele deu uma risadinha sem graça. – Tive, claro, alguns namoricos... mas coisa à toa.

Ela fitou nele os olhos castanhos, sombreados pelos longos cílios negros e sorriu com malícia. Imaginava os “namoricos” que um homem bonito como ele não haveria de ter...

_ Compreendo – ela disse.

Então ele voltou-se para ela. E pela primeira vez na vida, ele tomou-lhe a mão entre as suas. Aquele súbito gesto inundou-a de um sentimento estranho... olhou abismada para as mãos dele, fortes, de longos e ágeis dedos morenos, que seguravam a sua mão pálida com tal ardor e sentiu que o coração palpitava-lhe, descontrolado, perdendo o juízo...

_ Ariadne, não... você não compreende.

_ O quê? O quê... eu não compreendo?

_ O que se passa comigo. O que houve comigo.

Os olhos dele brilhavam, num fogo verde que espalhava chispas de luzes para todos os lados. E ela relembrou daquela tarde triste, há tantos anos atrás, quando se despediram.

_ E que houve com você? – Ela perguntou, tentando manter o controle.

_ Ariadne... você nunca percebeu, não é? Ah, não... – ele suspirou. – Você e eu éramos muito jovens... você nunca iria entender... talvez agora... talvez... mas não sei... não sei se devo lhe confessar...

Ele soltou-lhe a mão, bruscamente e virou o rosto, como que para ocultar o desespero que passava-lhe pelas faces másculas. Talvez estivesse a ponto de confessar-lhe alguma coisa terrível, ela pensou... que teria ele feito? Teria ele cometido alguma... coisa ilegal... por isso resistia tanto em conversar com ela, em contar-lhe as coisas... mas por quê ele dissera “*você nunca percebeu*”? Perceber... o quê?!

_ Por favor, Plínio. Se eu puder ajudar você... conte-me. Conte-me, por favor.

_ Eu... vou contar, Ariadne. Chega de delongas...

Novamente ele tomou-lhe a mão entre as suas.

Seus olhos pareciam os de um gato, quase hipnóticos em seu brilho felino:

_ Eu sempre quis você, Ariadne. Sempre.

Ela engoliu em seco, transtornada.

_ Nosso encontro de hoje não foi casual, foi intencional... eu sempre soube tudo a seu respeito... sempre procurei saber o que se passava com você, mesmo quando você se casou. E quando soube, através de minha irmã, que você e sua filhinha estavam aqui na Praia de Leste, sozinhas, eu decidi vir ao seu encontro.

_ Meu encontro?! Plínio, você está me dizendo... exatamente... que me procurou?

_ Que eu queria vê-la, eu queria vê-la! Eu queria encontrar-me com você, menina, era isso!

Ele quase explodiu, numa espécie de raiva sufocada, tensão, nervosismo. E paixão. Foi o que Ariadne sentiu naquele gesto, nas palavras que saíram da boca dele naquele instante único, mágico.

_ Plínio!

Ela baixou os olhos. Lágrimas marejaram-lhe os olhos, quando tornou a erguê-los e encará-lo, subitamente tão fragilizada, tão sem coragem e a um tempo cheia da energia que o amor e a paixão reprimida davam-lhe... Era isso!

_ Plínio – ela tornou, ainda com as mãos dele segurando as suas, fortemente. – Você sente algo por mim... é o que quer dizer?

Em resposta, Plínio levantou-se da mesa, tomou-lhe as mãos e fê-la levantar-se. Então, num inesperado gesto, puxou-a para si. Ela não acreditava na própria realidade do que sucedia. Quando os lábios de Plínio tocaram os seus, quando a boca dele – tantas vezes sonhada, tantas vezes desejada! – abrasaram a sua, com uma voracidade incontrolável... quando ela sentiu que ele a apertava contra o peito... com total desespero, com um desejo e um sentimento férreo, sentiu as pernas amolecerem.

_ Plínio... - ela murmurou quando o beijo dele deu uma pequena trégua.

_ Você também sempre me quis, não é? – Ele sussurrou, os lábios bem próximos dos seus, olhos verdes iluminando de perto os seus.

_ Sempre, sempre, sempre! – Ela conseguiu dizer, aos arrancos, como se cada palavra saísse-lhe da alma como um espinho, arrancado

com força atroz. Mas aquilo fazia-lhe bem... era tudo o que ela queria dizer para ele. Que sempre o quisera, que sempre o amara em segredo.

_ Amo você, menina... minha meninazinha... desde criança, sabia disso?

Ela meneou a cabeça e agarrou-se a ele, com desespero. O beijo foi mais intenso, mais poderoso.

_ Você agora nunca mais vai embora, Plínio - ela disse, em seguida, acariciando-lhe o rosto com uma ternura doce, as mãos trêmulas.

_ Nunca, minha menininha. Nunca mais. Tenho tantas coisas para lhe contar, minha menininha tímida...

Ele riu, deliciado, feliz. E ela nunca imaginou que veria o rosto dele tão cheio de brilho, de sorrisos tão claros. Havia um sol em cada um dos olhos verdes, e um dia de verão no sorriso morno que tornava-lhe as feições – antes sombrias – vibrantes de vida.

_ Você foi meu amor de infância... e de adolescência... e de adulto.... e será o meu amor de toda a vida! – Ele falou, abraçando-a com força.

Ariadne jamais se esqueceria daquelas férias na Praia de Leste. Quando retornaram a Curitiba – ela, Plínio e Thalia – todo o seu passado ficou guardado dentro do seu coração, amarrado com um laço de fita verde. Seu passado era uma parte importante de sua vida, sim... Principalmente aquela tarde de outono com o sol morrendo no horizonte, cujo desfecho ela contou a Plínio... explicando com detalhes todo o sofrimento que tinha sentido, quando soube que ele ia embora, ia casar-se com outra... e principalmente, quando imaginou que ele nunca tinha sentido nada por ela.

Mas o passado é assim... Fica guardado, como uma fotografia antiga, que pouco a pouco vai desbotando, desbotando, mas que teimamos em manter carinhosamente ali, dentro do velho álbum. E o que vale mesmo, é o presente. Dádiva dos céus, o presente de Ariadne e Plínio foi a preciosa conquista da felicidade e da nova vida que construíram juntos.

“O sol de outono... é belo”, pensa às vezes Ariadne. “Mas eu sempre vou preferir o verão”.

FIM

